

TEMPO DE DONDON: uma abordagem Sociolinguística de um samba

COSTA, Sandra Diniz¹

GHELLI, Kelma Gomes Mendonça²

Resumo

O objetivo deste artigo é explorar a abordagem Sociolinguística da linguagem, mostrada em uma canção popular, o samba “Tempo de Dondon”, de autoria de Ney Lopes, gravado por Dudu Nobre e por Zeca Pagodinho. Utilizando uma linguagem bem humorada, os poetas apresentam as diferenças diacrônicas da linguagem, no que se refere ao léxico da Língua Portuguesa, transmitindo uma ideia sutil de que, nos tempos antigos, não só a linguagem, mas também a vida era melhor. Trata-se de uma pesquisa de linguística aplicada, uma vez que os pressupostos da Sociolinguística são explorados no texto. Sua justificativa prende-se ao fato de que interessa aos leitores da revista e aos alunos de Letras verificarem de que forma os pressupostos de uma ciência linguística podem ampliar a compreensão de textos e de situações em que a língua adquire um papel especial, em uma abordagem metalinguística. São apresentadas informações históricas pertinentes ao tema e analisada a letra do samba, com os comentários a ela referentes.

Palavras-chave: Linguística. Sociolinguística. Variações Dialetais. Música Popular Brasileira.

Abstract

The aim of this paper is to present a sociolinguistic approach to a popular song lyric, the samba “Tempo de Don Don” – Dondon’s times), created by the musician Ney Lopes, recorded by Dudu Nobre and Zeca Pagodinho, two Brazilian popular singers. Using a comic language, the poet shows diachronic differences in Brazilian language, saying in a subtle way that not only language but also life was better in the old-fashioned period. This is an applied linguistic study, because the presuppositions of Sociolinguistics are exploited in the text. It is justified, because it is interesting to Language students and to the readers of this periodic to verify how the ideas of a linguistic science may improve do understand texts and situations in which the language plays a special role in a metalinguistic approach. We present pertinent historical data as well we analyze the lyrics of the samba, commenting them.

Keywords: Linguistics. Sociolinguistics. Dialectal variations. Brazilian Popular Music.

Introdução

O objetivo deste artigo é mostrar a abordagem Sociolinguística da linguagem, explorada no samba “Tempo de Dondon”, de autoria de Nei Lopes (também gravada por Zeca Pagodinho e por Dudu Nobre): Tempo de Don-Don, em homenagem a Don-Don, um ex-jogador do clube de futebol Andarahy Athletic Club, no Rio de Janeiro, nos anos 1930. Utilizando uma linguagem bem humorada, o poeta apresenta as diferenças diacrônicas da linguagem, no que se refere ao léxico da Língua Portuguesa,

¹ Professora aposentada de Língua Portuguesa e Linguística. Professora de Linguística da Fundação Carmelitana Mário Palmério ✉professorasandradiniz.ufu@gmail.com

² Coordenadora de Ensino, Pós-graduação e Extensão ✉letras@fucamp.com.br
Cadernos da FUCAMP, v.12, n.17, p.86-97/2013

transmitindo uma ideia sutil de que, nos tempos antigos, não só a linguagem, mas também a vida era melhor. Trata-se de uma pesquisa de linguística aplicada, uma vez que os pressupostos da Sociolinguística são explorados no texto.

A presente publicação se justifica, por interessar aos leitores da revista, aos alunos de Letras e aos estudiosos da linguagem em geral verificar de que forma os pressupostos de uma ciência linguística podem ampliar a compreensão de textos e de situações em que a língua adquire um papel especial, em uma abordagem metalinguística.³

A organização do presente artigo ocorreu da seguinte maneira: nesta introdução, apresenta-se o objetivo do trabalho, a linha teórica a ser seguida e a justificativa. Na primeira seção, discutem-se as bases teóricas, em especial os conceitos de linguagem, língua, norma e fala expostos por Saussure (12968) e Coseriu (1979). Na segunda seção, apresentam-se dados sobre os autores e sobre o poema analisado. E finalmente, na terceira seção, analisa-se o texto à luz dos pressupostos da Sociolinguística.

1. Linguagem, língua, norma e fala

Inicialmente, é necessário esclarecer que a linguagem, na abordagem Sociolinguística, é vista como um fato social, como uma interação entre dois interlocutores, em que a linguagem e a vida se fundem, os padrões de comportamento se impõem e as manifestações de poder se sustentam

Bakhtin (2000) define a linguagem como um instrumento de poder, pelo qual o indivíduo atua sobre outrem e impõe, pela sua linguagem, pontos de vista, opiniões, vontades. A linguagem, como abstração, concretiza-se por meio da língua, ou código (nos termos da dicotomia saussuriana *langue* x *parole*) (SAUSSURE, 1968). Embora a língua seja a mesma para todos os membros das comunidades que as utilizam, ela não ocorre de maneira uniforme. Cada falante imprime à sua fala particularidades que obedecem às suas características sociais e às suas intenções.

Ainda nessa perspectiva social, Patrick Charaudeau (1978) define a linguagem de uma forma quase agressiva, ao afirmar: “Todo ato de linguagem é um jogo, uma interação de intenções, em que cada parceiro aplica um golpe com a intenção de

³ Metalinguagem ou função metalinguística da linguagem consiste em utilizar a línguas para explicar a si própria.

ganhar⁴” É interessante que a palavra em francês é *enjeu* que se traduz literalmente como “um jogo jogado necessariamente por dois parceiros”, ou seja, um jogo que não se pode jogar sozinho. O Francês tem as duas palavras: *jeu*, para qualquer jogo e *enjeu*, para jogo realizado apenas entre dois parceiros. A linguagem, assim, torna-se um reflexo da sociedade na qual se insere. Considerar a linguagem como um jogo é considerar que nela, sempre, as pessoas desejam vencer, ganhar, desejam que o outro seja o perdedor. Isto influencia o que se diz e o modo como se diz qualquer coisa, sobretudo quando interesses vitais estão envolvidos.

FERRAZ Jr. (1992, p. 146), ao refletir sobre a situação comunicativa, tece algumas considerações que podem auxiliar no entendimento das especificidades da interação estabelecida na e pela linguagem:

[...] não se manifesta num vácuo, mas ocorre em um conjunto de articulações complexas que a circundam, tendo pois um limite identificável. Esse limite tem um aspecto externo — mundo circundante — que corresponde a uma complexidade maior, e um aspecto interno — estrutura do discurso — que reduz aquela complexidade. Justamente esse limite é que nos permite identificar diferentes situações comunicativas (FERRAZ Jr., 1992, p. 146).

Nesse sentido, foi significativa a contribuição de Eugênio Coseriu (1979), com o conceito de norma linguística (ou normas, na verdade), que são as falas dos diversos grupos que utilizam a língua.

Essas normas, também chamadas de variantes linguísticas ou dialetos, são de naturezas diversas, conforme a Figura 1. Neste trabalho, em especial, importam as normas históricas, também chamadas de diacrônicas (do grego *diá*=através de e *chronós*= tempo).

⁴ Tout act de langage est un enjeu, une interaction d'intentionnalités, dont chacun joue un coup avec l'éspoir de gagner

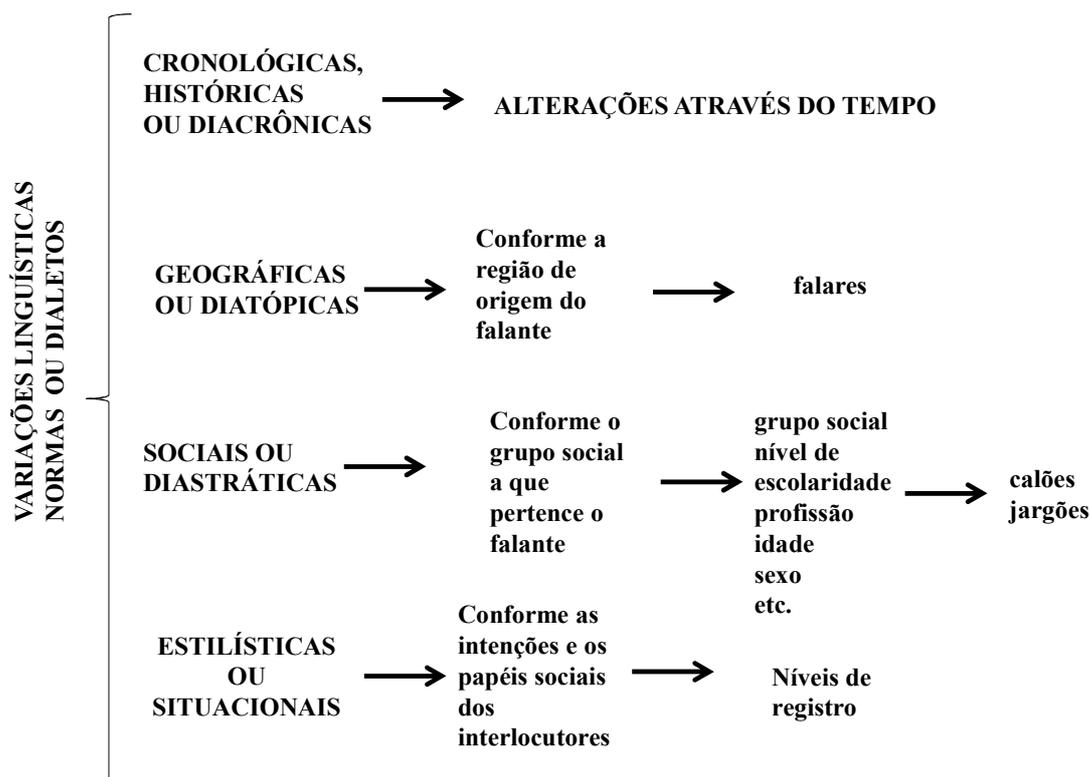


Figura 1 Variações dialetais da linguagem

Fonte: autoria das pesquisadoras

Para, de alguma forma, contornar essa intensa variabilidade linguística, estabeleceu-se um construto teórico, denominado norma culta ou língua padrão. Essa norma culta é a variante linguística que, por motivos **sociais** e não propriamente **lingüísticos**, é eleita a boa linguagem, aquela mais adequada para situações formais de linguagem. A linguagem da escola, da ciência, da filosofia, a linguagem aceita pela gramática normativa da língua.

As variações diacrônicas da língua decorrem da própria natureza social da linguagem. Embora a língua seja a mais conservadora de todas as instituições sociais (até mesmo mais conservadora que as religiões), ao longo do tempo, ocorrem sobre ela duas pressões: de um lado, as alterações impressas pelos diversos grupos sociais que, a princípio surgem como gírias ou particularidades e depois, com o tempo, podem ou não institucionalizar-se e passam a fazer parte da norma culta da língua. E de outro lado, o próprio tempo faz com que a língua se altere, por ser ela um organismo vivo e em constante reconstrução.

As alterações mais comuns ocorrem no vocabulário: alguns signos tornam-se obsoletos (arcaísmos) e outros são criados (neologismos) para nomear as novas situações sociais que surgem. Por isso, quando lemos um livro de José de Alencar ou de Machado de Assis, achamos estranhas algumas palavras e algumas construções. Outras modificações interferem na própria estrutura sintagmática das frases; são mais raras e levam um tempo mais longo para institucionalizar-se. A essas diferenças linguísticas denominamos normas históricas ou diacrônicas.

Arcaísmos (do grego *arché*=velho) são palavras ou expressões que, embora usadas em uma determinada época, no decorrer do tempo, foram substituídas por outras de sentido idêntico e/ou perderam totalmente o seu campo de referência, devido às transformações que se foram operando no campo científico-tecnológico, na organização social, nas ideologias etc. Podem-se identificar algumas causas da arcaização de alguns termos:

(a) O desaparecimento de instituições, a mudança de costumes e de objetos, tornaram o uso os termos que lhes correspondiam inusitado, como, por exemplo: palavras como alcaide (antigo governador de castelo ou de província); suserano (senhor feudal, proprietário do feudo).

(b) Substituição de expressões por outras de sentido idêntico, o que faz com que a mais antiga se perca no imaginário dos falantes, como, por exemplo, *asinha* por depressa; arteirice por astúcia; punçante por pungente; sanhoso por valente; teúda e manteúda por rolo, amante.

(c) Introduções de expressões eufemísticas⁵ na língua: concubina por amante; parir por dar à luz; ratante por negociante; feder por cheirar mal.

(d) Modificação no sentido da palavra, que passa a designar um novo referente:, como: físico = médico; manha = dote de espírito.

O neologismo, por sua vez, designa um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de novo sentido a uma antiga; pode ser um comportamento espontâneo próprio do ser humano ou meramente artificial para fins pejorativos. A formação desses neologismos obedece aos processos de formação de palavras disponíveis na própria gramática da língua.

⁵ Eufemismo: figura de linguagem que consiste em utilizar uma palavra, locução ou acepção mais agradável, para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, locução ou acepção menos agradável, mais grosseira ou mesmo tabuística: dianho (por 'diabo', palavra que o povo procura evitar), a interj. caramba (por 'caralho', tabuismo) etc. (HOUAISS, 2012).

2. Andaraí e Dondon: o time de futebol e o personagem

2.1 O Clube Andarahy Athletico Club

No dia 9 de novembro de 1909, foi fundado o Andarahy Atlético Club, localizado na Rua Barão de São Francisco no Bairro de Vila Isabel, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. O Estádio era chamado de Barão de São Francisco, também conhecido como Rua Prefeito Serzedello Correia e pertenceu ao clube até 1962. O seu uniforme tinha as cores verde e branco (Figura 2) e o símbolo era o papagaio Zé Carioca, apresentado ao mundo pela pena de Walt Disney (Figura 2).



Figura 2 O Andarahy AC

Foi um clube carioca de grandes campanhas, ganhou o Torneio Início do Campeonato Carioca de 1924 e foi vice-campeão carioca em 1921 e 1934, e terceiro colocado no Campeonato Carioca em 1924, e 1933. Em 1937, o clube deixou o Campeonato Carioca para sempre.

Em 1961, seu campo foi comprado pelo América Football Club para a construção de um estádio, rebatizando-o de Volney Braune, e o clube extinguiu-se. Nos anos 1990, o América vendeu o estádio, que atualmente é o *Shopping Iguatemi*, em Vila Isabel. Ao todo, o alviverde disputou vinte campeonatos cariocas, sendo o último em 1937. A sua melhor colocação no campeonato ocorreu em 1934, quando ficou em segundo lugar, com dez vitórias, dois empates e duas derrotas, só ficando atrás do campeão Vasco da Gama.

2.2 O jogador Don Don



Figura 3 Dondon do Andarahy

Fonte: Blog opovo.com

O jogador Dondon, que ficou famoso no samba, foi um zagueiro que atuou pelo Andarahy de 1932 a 1938 e fez parte do time vice-campeão carioca, em 1934. Seu nome era Antônio de Paula Filho e foi considerado um dos maiores jogadores da história do Andarahy Athletico Club. Sua atividade profissional esteve ativa entre 1932 e 1937.

Sua importância na letra do samba analisado diz respeito, principalmente, à época em que atuou, tempo em que a sociedade carioca, o futebol, a vida e a linguagem eram diferentes e, no dizer do sambista, melhores que as atuais.

Segundo o texto “De Chica da Silva à mitologia Makonde” de autoria de Oswaldo Faustino⁶, existe uma curiosidade:

[...] o Dondon, cantado por Nei Lopes, no samba também gravado por Zeca Pagodinho e Dudu Nobre, foi realmente um craque? E seu tempo era mesmo melhor que o nosso? A bem da verdade, nascido em 1942, Nei nunca viu o zagueiro Dondon – Antonio da Paula Filho – jogar pelo Andarahy Atlético Club, time alvi-verde fundado em 1909 e extinto na década de 1970, que teve certa glória na década de 1930. Foi vice-campeão do campeonato carioca de 1934, perdendo para o Botafogo. O atleta fez parte dessa equipe, entre 1932 e 1938. Mas a prova de seu talento está num álbum de figurinhas do futebol carioca, de 1938: Dondon era figurinha carimbada. O Dondon de quem Nei Lopes foi amigo utilizava as pernas não no gramado, mas nas pistas de gafieira, como o compositor descreve: “Era elegante e impecável no samba, em passos como o cruzado e o puladinho. Um lorde sambista carioca. Gostava de contar histórias que sempre iniciavam com ‘no meu tempo’”. Daí a inspiração para o meu samba (FAUSTINO, 2011, s/p.).

2.3 A letra do samba em questão

No tempo que Dondon jogava no Andaraí

*Nossa vida era mais simples de viver
Não tinha tanto miserê, nem tinha tanto tititi
No tempo que Dondon jogava no Andaraí
No tempo que Dondon jogava no Andaraí (2x)
Fast food era merenda
Breakfast, café da manhã
O hipermercado era venda
E "halls-mentolips", bala de hortelã
Hortifruti era tudo quitanda
E jeans era só calça Lee
No tempo que Dondon jogava no Andaraí
No tempo que Dondon jogava no Andaraí
Desemprego era desvio
Loteria era contravenção*

*Metida era pessoa esnobe
E quem fazia lobby, era "um bom pistolão"
INSS não tinha
Só IAPC, IAPETC e IAPI
No tempo que Dondon jogava no Andaraí
No tempo que Dondon jogava no Andaraí
Tinha cérebro eletrônico
E vitrola tocava Long Play
Afeminado, invertido,
Gorgota e enrustido era o nome dos gays.
Pedófilo era tarado
Transformista hoje é travesti
No tempo que Dondon jogava no Andaraí
No tempo que Dondon jogava no Andaraí*

⁶ Disponível em < acabril.uol.com.br/cultura-gente/145/artigo178550-1.asp>.

3. A linguagem dos tempos de Don Dom

A letra do samba localiza o texto na época em que o jogador era atuante, dos anos 1930, um tempo, em que, segundo o poeta, “a vida era mais simples de viver, não tinha tanto miserê, nem tinha tanto tititi”. Miserê é uma gíria para pobreza, miséria e tititi para boatos, fofocas. É comum, na literatura, acreditar-se que uma época seja definitivamente melhor que a outra, tema, aliás, muito bem explorado no filme de Woody Allen “Meia Noite em Paris”⁷. Na verdade, cada indivíduo se identifica com uma época que, para ele, é a melhor, embora nada exista de objetivo nessa escolha.

A partir de então, o samba começa a apresentar as diferenças dialeto-lexicais que tornam o texto particularmente interessante (Tabela 1)

Tabela 1 Variações léxico-dialetais apresentadas no texto

Arcaísmos	Neologismos
Merenda	Fast food
Café da manhã	Breakfast
Venda	hipermercado
Bala de hortelã	halls-mentolips
Quitanda	Hortifruti
Calça Lee	Jeans
Desvio	Desemprego
Contravenção	Loteria
Pessoa esnobe	Pessoa metida
Pistolão	lobista
IAPT Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes	Hoje todos esses antigos institutos foram absorvidos pelo INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social
IAPETC Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Transportadores de Cargas	
IAPI Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários	
Cérebro eletrônico	Computador
Vitrola	Hoje, os modernos aparelhos multimídia
Long Play	CD, DVD
Afeminado, invertido, gorgota e enrustido	Homossexual, gay
Tarado	pedófilo
Transformista	Travesti

Fonte: organizado pelas pesquisadoras

⁷ Meia-Noite em Paris é uma comédia romântica, dirigida por Woody Allen, sobre um escritor e roteirista americano que vai com família de sua noiva à capital da França, cidade que ele idolatra. A história é concentrada nos passeios de Gil (Owen Wilson) na noite Parisiense; quando o relógio toca a meia-noite, o escritor é transportado para a Paris de 1920, época que ele considera a melhor de todas. Nessas "viagens", Gil frequenta várias festas onde conhece inúmeros intelectuais e artistas que frequentavam a Cidade-Luz naquela época, entre eles estão F. Scott Fitzgerald, Gertrude Stein, Ernest Hemingway, etc. Dessa forma, Gil tenta acabar o seu romance com Inez, pois se apaixona por Adriana (Marion Cotillard) é forçado a confrontar a ilusão de que uma vida diferente do seu estilo de viver (nesse caso a "época de ouro" francesa) é melhor.

Além da apresentação dos termos, há no texto uma ironia a alguns costumes, sobretudo o hábito brasileiro de aceitar palavras de língua estrangeira e incorporá-las ao vocabulário, uma tendência que muitas vezes é censurada pelos linguistas mais tradicionais. E também algumas particularidades do falar carioca.

Assim acontece com a tradução de merenda por *fast food*. Merenda é um arcaísmo e se refere a qualquer refeição ligeira (mais conhecida pelo neologismo lanche). *Fast food* é um termo da língua inglesa que significa, sim, lanche, mas não é hábito de todos os brasileiros usarem esta expressão. A palavra “merenda”, hoje, indica sobretudo as refeições realizadas nas escolas para os alunos (a merenda escolar, da qual se derivou até a palavra merendeira, que tanto indica a profissão de quem preparar a refeição quanto a bolsa térmica ou plástica na qual os alunos levam os lanches de suas casas). O poeta ironiza a pretensão dos falantes de acharem que, ao usarem uma expressão da língua inglesa, estarão falando “mais bonito” (provincianismo cultural). Isso se acentua ao se chamar o tradicional café da manhã, que em 90% das casas dos brasileiros se resume ao pão com manteiga e café com leite, pelo termo inglês *breakfast*, que indica a primeira e lauta refeição em inglês. Mais modernamente, tem sido usado o termo *brunch*, outra palavra americana... *brunch* é uma refeição servida geralmente nos fins de semana, bem mais tarde, substituindo o “almoço” brasileiro.

“Nos tempos em que Dondom jogava no Andaraí”, anos 1930, as compras domésticas eram realizadas nas populares “vendas”, estabelecimentos comerciais que vendiam um pouco de tudo, desde produtos agroveterinários, a alimentos, remédios, doces, brinquedos, bebidas. Normalmente, as pessoas anotavam suas compras em uma “caderneta” e pagavam por semana, por quinzena ou por mês. Hoje, foram substituídas pelos modernos super e hipermercados, altares sagrados do consumismo capitalista.

As antigas e populares balas de hortelã (ou os *drops* consumidos durante as sessões de cinema) foram substituídas por modernas pastilhas. Chama a atenção o fato de o nome do produto estar escrito errado, como uma ironia. O nome correto é Halls Mentho Lyptus, que foi grafado conforme a pronúncia popular no falar carioca: halls-mentolips.

Assim como aconteceu com o termo venda, a palavra quitanda, no falar carioca e no mineiro de Belo Horizonte e adjacências, indicava os estabelecimentos que comerciavam verduras e frutas. No interior de Minas Gerais, também indicava os quitutes servidos nos lanches, tais como pães de queijo, broas de milho, bolo de fubá

etc. Ainda hoje, no Triângulo Mineiro, quitanda tem essa acepção. Mas no Rio de Janeiro e em São Paulo, quitanda foi substituída pela sigla hortifruti, que denomina os produtos hortifrutigranjeiros. Não é uma denominação comum no Triângulo Mineiro.

As modernas calças jeans de tantas marcas e *griffes* famosas, são descendentes das antigas calças Lee, único modelo e marca que predominou nos anos 1920 a 1960. Havia duas marcas: as calças *Far West*, usada por agricultores e pecuaristas e a calça Lee, preferida pelos jovens. Eram consideradas como calças de uso esportivo e não o uniforme da mocidade atual.

A tradução da palavra desvio por desemprego é uma ironia do poeta. Na verdade, aqui, o significado de desvio é falcatura, roubo, que deveria, necessariamente levar ao desemprego dos que a praticam, mas nem sempre isso acontece na realidade brasileira. Mais irônica ainda é dizer que a palavra loteria substitui o termo contravenção, que, no Direito, significa transgressão de dispositivos estabelecidos em regulamentos, contratos ou leis. No caso brasileiro, havia (e ainda há) a prática do jogo do bicho, que é uma contravenção e uma das maiores fontes de lavagem de dinheiro do narcotráfico. A loteria, que é oficial, segundo o poeta, seria uma forma indireta de contravenção, permitida pelo Governo... um jogo do bicho legalizado, muito irônico, em verdade.

Antigamente, cada segmento de trabalhadores tinha o seu instituto de previdência social, então, a indústria tinha o IAPI, o comércio o IAPC e assim por diante... Hoje todos esses institutos foram englobados pelo Instituto Nacional de Seguridade Social, o INSS.

Antes da popularização dos computadores, era corrente a expressão cérebro eletrônico. As antigas vitrolas ou eletrolas ou toca-discos, tocavam os long plays de vinil, em 78 rotações, substituídos hoje pelos CDs, DVDs, i-pods etc.

Não é elogiável a manifestação de homofobia presente nas ironias do texto, referindo-se aos gays. Mas, como no passado a homofobia era um hábito estabelecido, o poeta retoma as palavras grosseiras para se referir a eles, no passado, como afeminados, invertidos, gorgotas⁸ e enrustidos. Interessante em relação ao termo “invertido”, é que a conotação homofóbica é mais forte, porque o certo, o reto, seria a pessoa ser

⁸ Gorgota – palavra de origem obscura, indica marujo com algum tempo de experiência, veterano e também homossexual ativo. Indica também uma comuna romena localizada no distrito de Prahova, na região de Muntênia, que possui uma área de 32.55 km² e sua população era de 5414 habitantes segundo o censo de 2007. Mas não se percebe a relação entre a região e a conotação de homossexualidade.

heterossexual. Esse preconceito velado está presente também na língua inglesa, que nomeia os heterossexuais como *straight* (que se traduz por correto, reto, direito). Também irônicas são as traduções de tarado por pedófilo (já que o tarado não é apenas o pedófilo, mas qualquer agressor sexual a qualquer pessoa) e transformista por travesti.

Assim sendo, percebe-se a intenção irônico-humorística do texto, que utiliza as variações dialetais da língua para criticar também os costumes e as modificações das atitudes das pessoas ao longo dos tempos. Esse é o cerne dos estudos sociolinguísticos: compreender a sociedade a partir da língua e a língua em relação à sociedade que a fala.

Considerações finais

A Sociolinguística propõe-se a estudar as relações entre língua e sociedade, por compreender que ambas são indissociáveis. Segundo Oswald Ducrot (1975),

As relações intersubjetivas inerentes à fala não se reduzem à comunicação, tomada em seu sentido estrito, isto é, a troca de conhecimento: ao contrário, introduz-se entre eles uma grande variedade de relações inter-humanas, para as quais a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional, a regra. A língua, então, não é apenas o lugar onde os indivíduos se encontram; ela impõe, também, a esse encontro, formas bem determinadas. Não é mais somente uma condição de vida social, mas também um modo de vida social (DUCROT, 1975, p. 23)

Estudar a língua em suas diversas manifestações, literárias ou não, constitui uma ferramenta significativa para compreender as relações sociais nela envolvidas. Sobretudo quando se estuda uma canção popular, no caso brasileiro, um samba de sucesso, que já fez parte de uma trilha de novelas de uma grande emissora de televisão brasileira, é significativo para se compreender e registrar os hábitos de uma determinada época. Daqui a uns trinta anos, quem sabe algumas dessas palavras hoje tão “modernas” terão desaparecido, substituídas por outras que revelarão novos costumes e novas visões de mundo. E, para encerrar, as belíssimas palavras do grande mestre Guimarães Rosa:

A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho da sua personalidade não vive. Quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para dar-lhe luz (ROSA, 1973, s. p.)

Referências

- BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CHARAUDEAU, Patrick. Une théorie du sujet du langage. **Langage et société**, 28, jun. 84. Maison des sciences de l'homme, 1978.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. Rio de Janeiro/ São Paulo, Presença/ EDUSP, 1979.
- Ducrot, Oswald. **Dire et ne pas dire**. Princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1975.
- FERRAZ Jr., Tércio Sampaio. **Direito, retórica e comunicação**. São Paulo: Saraiva, 1992.
- HOUAISS, Antônio *et al.* **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- ROSA, João Guimarães. Entrevista conduzida por Günter Lorenz no Congresso de Escritores Latino-Americanos, em janeiro de 1965 e publicada em seu livro **Diálogo com a América Latina**. São Paulo: E.P.U., 1973
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. A. Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, São Paulo, Cultrix, 1968.
- VIANA, Eduardo. **Implantação do futebol Profissional no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Cátedra, s/d.

Anexo

No You Tube há diversos vídeos da canção analisada:
<https://www.youtube.com/watch?v=rzbOXv3HhzI>